

Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
Curso de Graduação em Ciência Política

CAIO CEZAR MOREIRA MACHADO

**DA MOBILIZAÇÃO À EUFORIA: UM PANORAMA DO BRASIL
NAS COPAS DO MUNDO DE 1930 À 1970**

BRASÍLIA

2018

Caio Cezar Moreira Machado

**DA MOBILIZAÇÃO À EUFORIA: UM PANORAMA DO BRASIL
NAS COPAS DO MUNDO DE 1930 À 1970**

Monografia apresentada em conclusão ao curso de graduação em Ciência Política da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Nascimento

Brasília

2018

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, por todas as bênçãos derramadas e pela condição de cursar uma faculdade.

À minha mãe, Rosely Moreira, que não mediu esforços para garantir boas condições de estudo e por compreender o valor da educação no processo de formação. Por todo o investimento, sacrifício e amor, que certamente me trouxeram até aqui e contribuem diretamente para as minhas conquistas.

Ao meu pai, Carlos Machado, que sempre ressaltou a importância e o valor do trabalho.

À minha irmã, Larissa Liliane, pelas palavras de incentivo ao me ver desanimado.

À Marluce Quirino e Cecília Karoline, que certamente me sustentaram em oração e sempre acreditaram em mim.

À Renata Heringer, anjo da guarda que Deus pôs em minha vida, na condição de profissional e amiga. Obrigado pelo empenho em me ajudar em momentos tão difíceis.

Aos amigos Braitner Lobato, Gabriel Nascimento e Tathyanni Raquel, pelo esforço e incentivo no momento decisivo, foi fundamental.

Ao professor Paulo Nascimento, por aceitar a proposta do tema e pela compreensão no momento de dificuldade.

Por fim, à todos os amigos e amigas que demonstraram consideração com palavras de apoio, incentivo e orações.

O futebol brasileiro é hoje o retrato mais amargo de um país que, mais uma vez, demonstra não saber organizar seu talento, sua riqueza e, acima de tudo, sua percepção de si mesmo.

Roberto DaMatta

RESUMO

O futebol é reconhecidamente um elemento significativo na cultura popular brasileira, produzindo marcas e percepções na sociedade a partir de suas características e resultados. Por assim o ser, algumas literaturas se propõem a analisar o impacto do esporte no cotidiano social e político brasileiro, notadamente a partir dos resultados do selecionado nacional. A ideia central deste trabalho é expor, a partir da revisão da literatura, um panorama do desempenho da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1930 à 1970 e perceber o envolvimento do governo com o esporte, na tentativa de capitalizar a mobilização social em torno do discurso de unidade nacional. A literatura aponta, então, que ao se perceber o impacto do futebol sobre as massas, sobretudo como um símbolo de unificação, os governantes se esmeram na tentativa cooptar de esse sentimento para a legitimação e manutenção de seus mandatos.

Palavras-chave: Futebol, Política, Brasil, Copa do Mundo, Seleção Brasileira.

ABSTRACT

The soccer is recognized as a significant element in Brazilian popular culture. From its characteristics and results, it makes different marks and perceptions in society. By this reason, some literatures analyze the sport impact on everyday life in Brazil considering the social and politic perspectives. The goal of this work is exposing a panorama of Brazilian performance of its national team since 1930 FIFA World Cup Uruguay to 1970 FIFA World Cup Mexico. Furthermore, it intends to evaluate the involvement between government and soccer with the expectation to correlate the social mobilization around the unity of nationalist discourse. Accordingly, the literature stands out that main politicians seek to legitimize and maintain their mandates using the soccer impact on large masses of people as unification symbol.

Keywords: Soccer, Politic, Brazil, FIFA World Cup, Brazilian team.

Sumário

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. AS COPAS NA DÉCADA DE 30 E O DISSÍDIO ESPORTIVO | 10 |
| 2. “ENTRE A AMBIÇÃO DE GRANDEZA E A IMPOTÊNCIA INFANTILIZADA” | 14 |
| 3. 1958 À 1970: A CONSOLIDAÇÃO DE UM PROJETO | 17 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 25 |
| BIBLIOGRAFIA | 27 |

Introdução

O futebol no Brasil domina as transmissões e os programas esportivos, as discussões de bar, as práticas esportivas escolares, além de movimentar muito dinheiro entre patrocínios e publicidades. Ou seja, é inegável a influência do futebol no cotidiano brasileiro. Agora, é válido pensar que, se existe tal oferta, é porque há uma demanda proporcional à isso. E é nesse sentido que o presente trabalho aponta. Há um histórico para que o futebol se tornasse o que é hoje no Brasil – e no mundo - como esporte mais praticado e assistido, e isso tem consequências significativas em diversas esferas de análise, tais como a comunicação, a sociologia, a educação física e, não menos importante, a política.

O sentimento de pertença que o futebol pode proporcionar, sobretudo quando se envolve o que seria a expressão máxima do nacionalismo esportivo, que é a reunião dos melhores em uma seleção nacional, abre caminho para pesquisas afim de compreender as bases desse sentimento tão profundo e que se exaspera de quatro em quatro anos, conforme Guedes, onde “[...] nas Copas do Mundo de Futebol, [...] o sentimento de pertencimento comum é vigorosamente praticado, reinventado, renovado, recriado” (2009, p. 462).

O trabalho pretende traçar um panorama do futebol que se dará entre 1938 e 1970, marcando alguns eventos em especial (1938 – primeira participação de destaque; 1950 – Copa do Mundo no Brasil; 1958 e 1962 – bicampeonato consecutivo; 1970 – tricampeonato), que refletem o sentimento produzido pelo esporte e que incidiram também em propagandas do governo de modo a tentar vincular a comoção nacional aos discursos políticos.

Em 1938 o Brasil se destaca pela primeira vez em um mundial. Depois de superar dissídios internos na organização dos times e campeonatos locais, foi a primeira vez que o país mandou seus principais jogadores para a competição mais importante do mundo. Segundo Guedes (2009), o forte envolvimento entre povo brasileiro e seleção nacional “é disparado na Copa do Mundo de 1938, ocorrida na França, em que, pela primeira vez, a seleção brasileira é notada no exterior” (p. 461). Drumond (2006) corrobora ao relatar que “De volta ao Brasil, a seleção foi recebida como campeã moral do campeonato. [...] e eles desfilaram em carro aberto, saudados como heróis nacionais” (p. 114) e apresenta a surpresa do presidente Getúlio ao observar a comoção nacional em função da seleção.

Como fruto do bom momento esportivo em 1938 e o orgulho cívico do povo, o governo planejou sediar o mundial seguinte. É bem verdade que ele demorou a acontecer, visto que a segunda guerra mundial inviabilizou a realização do torneio na década de 40, porém, em 1950 era realizado o mundial no Brasil. (Drumond, 2006) Tal qual as pretensões do governo brasileiro ao construir o que foi o maior estádio do mundo por décadas, o Maracanã, tão grande foi a decepção com a traumática derrota na final para os uruguaios. A sensação era de terra arrasada: “Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar” (Rodrigues, 2014).

1958 e 1962 vão servir para atenuar o sofrimento de anos antes. O bicampeonato devolve a estima brasileira no futebol, curando o orgulho ferido e chegando ao ápice em 1970, com o Brasil se tornando o primeiro país tricampeão mundial. Eram tempos de construção de uma “brasilidade”, o discurso ufanista era recorrente e as músicas faziam coro às aspirações do governo: um país forte, grande e que busca reconhecimento (Oliveira, 2009). O título mundial veio a calhar e endossa a propaganda pela busca do protagonismo.

1. As Copas na década de 30 e o dissídio esportivo

“É nesse sentido que o esporte passa a ser uma peça fundamental nessa construção de nação e nacionalidade brasileira. O sentimento nacionalista é um fator intrínseco ao esporte e o novo governo vê neste fator um poderoso aliado” (Costa, 2006, p. 108).

O cenário político brasileiro em 1930 era de descontentamento geral devido à corrupção e fraudes de eleições – marcas características da Primeira República – além dos efeitos da Crise de 1929 sobre a economia. Esse é o panorama da chegada de Getúlio Vargas ao poder, cujo movimento revolucionário serviu como resposta à esse contexto.

O período conhecido como Era Vargas tem como importante característica a reestruturação de elementos políticos, econômicos, sociais e culturais do país, em que a busca por uma formatação de identidade nacional era objetivo primordial. Sobre a cultura, Drumond diz que:

O samba, nascido junto às camadas populares, conquistava as elites; o futebol, que havia sido um esporte aristocrático em sua chegada ao país, tornara-se uma das maiores paixões das camadas populares. Ambos, no entanto, foram elevados símbolos do que era ser brasileiro (2009, p. 213-214).

O impacto causado pelo esporte na identificação do povo com a nação é que o aproxima ao projeto varguista, já que, para membros do governo, o esporte seria fundamental para a construção de uma sociedade calcada na disciplina e no nacionalismo, amparando os jovens à uma participação política efetiva (Souza, 2008, p. 60).

A Copa do Mundo de 1938, na França, foi marcante para o futebol brasileiro. O esporte, que já era muito popular por aqui, alcançaria patamares ainda mais elevados com a superação dos problemas envolvendo as federações regionais, além de questões burocráticas como a disputa *amadorismo X profissionalismo*. Além disso, seria a primeira vez que o selecionado nacional contemplaria a diversidade étnica do país, ao levar seus melhores jogadores sem restrição - notadamente Leônidas da Silva (Negreiros, 2009, p. 302-303).

Os anos anteriores à 1938 foram de tensão para o futebol nacional. Discordâncias quanto à regulamentação do esporte provocaram cisões pelo país, opondo aqueles que eram a favor e contra a profissionalização do esporte. Amador desde sua introdução no Brasil, o futebol estava se modernizando e os clubes tentavam acompanhar tal processo, burlando as limitações do regime vigente ao realizar o pagamento de “bichos” para

garantir a manutenção de seus jogadores e atrair outros – essa prática ficou conhecida como amadorismo marrom. O profissionalismo passou a ser considerado por alguns como o único caminho para reverter o quadro crescente de assédio de clubes estrangeiros, cujo profissionalismo havia sido adotado, aos principais atletas brasileiros. É nesse contexto que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) passa a ser pressionada por clubes de São Paulo e Rio de Janeiro para introduzir o regime profissional (Drumond, 2009, p. 217-218).

Decidida a não acatar o novo regime, a CBD encara, então, o surgimento de novas associações esportivas que adotaram o modelo profissional. Clubes cariocas como Fluminense, Vasco, Bangu e América rompem com a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) e criam a Liga Carioca de Futebol (LCF), que logo depois o Flamengo iria aderir. Em São Paulo, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) segue a LCF e adota o regime profissional, desligando-se da CBD. As associações mineira, paranaense e fluminense se unem ao movimento de paulista e cariocas e fundam a Federação Brasileira de Futebol (FBF), representando o futebol profissional por todo o país (Drumond, 2009, p. 219-220).

Esse cenário justifica as primeiras participações brasileiras na Copa do Mundo abaixo do esperado. A crise política presente no futebol, ilustrada pela disputa por hegemonia entre APEA e CBD, impediu que jogadores paulistas defendessem o Brasil na primeira Copa do Mundo, ocorrida no Uruguai em 1930. Drumond relata que na preparação para a Copa de 1930:

... o técnico Píndaro de Carvalho escalou uma seleção brasileira contando apenas com jogadores do eixo Rio-São Paulo, as duas maiores forças do futebol de então. Originalmente, a convocação da CBD contava com 15 jogadores paulistas e apenas 8 cariocas. No entanto, um desentendimento entre os representantes dos clubes paulistas e os dirigentes da CBD acabou por fazer com que a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) não liberasse nenhum jogador paulista para o selecionado nacional. Isso porque a CBD não havia convocado nenhum membro da elite do esporte paulista para a comissão técnica da equipe brasileira (2009, p. 214)

A seleção brasileira, formada apenas por atletas do Rio de Janeiro, seria eliminada na primeira fase, com uma derrota para a Iugoslávia e uma vitória sobre a Bolívia, em seu primeiro Mundial.

A Copa do Mundo de 1934 a ser realizada na Itália chega e, mais uma vez, o Brasil não conseguia reunir seus principais jogadores. A CBD como única representante nacional da FIFA, decide por deixar de fora todos os jogadores vinculados ao profissionalismo. Porém, eram justamente esses jogadores de clubes da FBF, os melhores do país. A CBD, então, se vê em situação complicada pois não era capaz de montar um time competitivo com jogadores apenas do seu quadro de clubes e se viu obrigada a investir dinheiro para contar com os grandes jogadores do país. Era o fim do amadorismo na CBD (Costa, 2006, p. 117).

Não suficiente a crise política do esporte no país, o selecionado nacional chega à Itália fora de forma, após 12 dias de viagem à bordo de um navio repleto de comida e sem exercícios físicos. Soma-se a isso a falta de entrosamento da equipe e o Brasil tem sua pior participação em mundiais, ao ser derrotado pela Espanha no primeiro e único jogo daquela edição – a Copa foi disputada em sistema eliminatório (Costa, 2006, p. 117).

A Copa do Mundo de 1938, a ser disputada na França, traria novidades ao Brasil. A equipe brasileira nunca havia sido preparada com tamanho esforço e cuidados. Além de um período de treinamentos antes do embarque e ao chegar no local da competição, e de um cozinheiro contratado para cuidar da alimentação dos atletas, finalmente os melhores jogadores do país puderam ser convocados para a seleção. A transmissão das partidas por meio do rádio também contribuiu para a euforia da população brasileira, alimentando ainda mais a expectativa para mais uma participação em mundiais. O apoio chamava a atenção, “mesmo sob forte chuva, milhares de pessoas compareceram ao cais para dizer adeus e desejar boa sorte à seleção brasileira” (Costa, 2006, p. 112). A identificação do povo com a equipe tinha suas explicações:

A miscigenação racial da equipe brasileira era vista no Brasil como o verdadeiro retrato de nossa democracia racial, o que servia de forma perfeita aos ideais de ufanismo nacional e harmonia social propagandeados pelo Estado Novo. Pela primeira vez o Brasil enviava a um Campeonato Mundial uma seleção com os jogadores de maior destaque no país. A rivalidade entre Rio e São Paulo, que retirou os paulistas da Copa de 1930, não era mais tão acirrada e os clubes paulistas cederam seus jogadores sem problemas. A cisão do futebol brasileiro em dois grupos também havia terminado em meados de 1937, evitando assim os problemas ocorridos na Copa da Itália, em 1934. (Costa, 2006, p. 112)

Com vitórias nas oitavas-de-final sobre a Polônia e nas quartas-de-final contra a Tchecoslováquia, o desempenho da seleção empolgava os brasileiros que acompanhavam

fervorosos pelo rádio, reunidos nas praças do país. Com o sucesso da equipe, era o governo quem colhia os frutos. As vitórias alimentavam o orgulho cívico. Conforme Souza (2008), “os torcedores vibraram. Não podiam acreditar que uma seleção de país pobre e mestiço pudesse ganhar de uma seleção europeia” (p. 64). O grande desempenho sofreu um baque com a derrota nas semifinais para a atual campeã mundial Itália. Com a notícia de que o lance que originou a vitória italiana teria sido ilegal, a torcida se manifestava Brasil afora:

No Brasil a revolta era geral. Dispensados do trabalho, os torcedores lotavam as praças para acompanhar as transmissões pelo rádio. A revolta foi cedendo lugar à esperança à medida que ia se espalhando a notícia de que o jogo seria anulado. A novidade, para o desespero de muitos brasileiros, era apenas um boato. Até mesmo Getúlio acompanhou a Copa e se surpreendeu com a reação popular ante a derrota para os italianos. (Costa, 2006, p. 114)

Dias depois, a equipe brasileira ainda venceria a Suécia e conquistaria seu melhor resultado em copas, o terceiro lugar. De volta ao Brasil, os atletas foram recebidos como heróis e campeões morais do campeonato, desfilando em carro aberto e saudados pelos torcedores.

Para o governo, destacava-se o entusiasmo que tomou conta do povo, não importando se negros, brancos, ricos ou pobres. Era o cenário de combinação entre o futebol e nacionalismo, promovendo o orgulho cívico, tão caro ao governo (Souza, 2008, p. 70). Ao que completa Negreiros (2009): “O mais importante talvez tenha passado despercebido pela maioria: nascia o futebol brasileiro, um jeito novo e especial de praticar o esporte vindo da ‘civilizada Inglaterra’ (p. 306)

A mobilização social em torno do selecionado brasileiro na Copa de 1938 impactou Getúlio Vargas. O esporte era uma das estratégias adotadas para o objetivo de unificação e identificação nacional. “É nesse sentido que o esporte passa a ser uma peça fundamental nessa construção de nação e nacionalidade brasileira. O sentimento nacionalista é um fator intrínseco ao esporte e o novo governo vê neste fator um poderoso aliado” (Costa, 2006, p. 108). Assim, essa associação se tornou peça importante da propaganda varguista, ao perceber o poder do futebol sobre o povo.

Diante dessas expressões sociais de envolvimento com o futebol e as percepções dos estadistas à este respeito, outros momentos marcaram a história do futebol brasileiro e seu povo, sendo também assimilados pelos governos vigentes, teóricos e comunicadores.

2. “Entre a ambição de grandeza e a impotência infantilizada”¹

Não foi por acaso que elementos do governo começaram a planejar a realização do próximo Campeonato Mundial no Brasil, com a construção de um estádio no Distrito Federal que fosse compatível com a grandeza do Brasil e de seus governantes. Os planos foram levados adiante e deram resultados. (Costa, 2006, p. 113)

O sucesso do Brasil na Copa do Mundo em 1938 alertou o governo para a possibilidade de se apropriar do entusiasmo cívico que o futebol proporcionara. Daí surge a ideia em sediar a IV Copa do Mundo, a priori, a ser realizada em 1942. É bem verdade que o torneio de fato ocorreu em terras tupiniquins, porém, apenas 12 anos mais tarde, em 1950, devido à II Guerra Mundial.

A guerra ocorreu de 1939 à 1945, inviabilizando a realização dos torneios esportivos, como a Copa do Mundo (1942) e os Jogos Olímpicos (1940 e 1944). O cenário europeu em meados de 1946 era de inúmeras dificuldades, o que contribuiu para que a primeira Copa pós-guerra fosse no Brasil (Negreiros, 2009, p. 306).

O Mundial de 1950 respondia aos anseios do governo brasileiro de se mostrar como um país capaz de organizar um grande evento, atraindo assim os olhares para si. Sobre isso, DaMatta (2006) diz que:

E como a bola corre mais que os homens, testemunhava o milagre do esporte de massa, lavando meus olhos com o verde-amarelo de um Brasil que finalmente chegava à modernidade, construindo o “maior estádio do mundo” e organizando o certame que trazia ao nosso país milhares de “estrangeiros” que – estávamos convencidos - eram superiores a nós. (p. 21)

A Copa do Mundo de 1950 trazia em seu regulamento um novo formato de disputa. O torneio contaria inicialmente com uma fase de grupos na qual os 13 países participantes estavam dispostos em dois grupos com 4 equipes, um grupo com 3 equipes e um grupo com 2 equipes. Os campeões de cada chave se enfrentariam em um quadrangular final para definir o campeão.²

O Brasil teve uma campanha sólida na primeira fase ao vencer México e Iugoslávia e empatar com a Suíça, garantindo passagem ao quadrangular final. Na fase derradeira,

¹ Termo extraído de Wisnik (2008, p. 246). WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*

² Informações extraídas após consulta ao site <
<https://www.fifa.com/worldcup/archive/brazil1950/groups/index.html>>

vitórias expressivas sobre Suécia – um 7 x 1 ao nosso favor - e Espanha conferiram à seleção brasileira a vantagem de conquistar o torneio com um empate em seu último jogo, diante do Uruguai. O cenário estava pronto, era a hora do Brasil se consolidar no futebol:

Todos tinham certeza da vitória brasileira no jogo final. O Brasil tinha surrado a Suécia e a Espanha enquanto os uruguaios apenas empataram contra os espanhóis e tiveram grande dificuldade para vencer os suecos. A euforia era tamanha que torcedores de todo o país afluíram para o Rio de Janeiro. Desde o meio-dia o estádio já estava lotado e o jogo só começaria às 15 horas (Borges, 2006, p. 70).

Empolgado pela trajetória até a final, o selecionado brasileiro estava determinado a repetir as boas atuações. O primeiro tempo, porém, terminou sem gols - resultado que daria o título aos donos da casa – apesar do domínio do Brasil. A segunda etapa é que reservou as maiores emoções. A seleção brasileira abriria o marcador logo no início, potencializando as expectativas de que, enfim, o título viria, não havia como imaginar o que estava por vir. O Uruguai viraria o jogo, sagrando-se bicampeão mundial e promovendo o “*maracanazo*”. “Em silêncio e cabisbaixa, a multidão deixou o Maracanã. Parecia que o mundo tinha acabado e o sonho acalentado por todos os brasileiros tornou-se imenso pesadelo” (Borges, 2006, p. 71-72).

Negreiros (2009, p. 307) retorna à 1938 ao analisar a derrota para o Uruguai, como um “fantasma” que nos mostraria sermos incapazes de alcançar “grandes conquistas”. Também nessa linha, DaMatta (2006, p. 42-43) entende que esta derrota nos assombra, por confirmar todo o sentimento de inferioridade que ronda o povo brasileiro, seja qual for o aspecto. Já Vasconcellos (2013) diz que:

[...] era tanta a identificação do brasileiro com o futebol que Nelson Rodrigues em seus relatos jornalísticos dizia que a derrota em 50 representou não apenas o revés de onze sujeitos, mas o fracasso de todo o homem brasileiro. A derrota na competição havia sido uma humilhação muito maior do que o subdesenvolvimento, afinal, representava uma inferioridade fatídica que perseguia o Brasil tanto como povo, como nação (p. 30).

Para além de análises sociológicas da frustração social que tomou conta do povo brasileiro, Borges (2009, p. 70) traz um fato interessante a respeito do que envolveu o entorno da fatídica final de 1950. As eleições se aproximavam, e a euforia tomou conta de dirigentes e políticos. Ao invés de descanso e sossego na preparação para o jogo derradeiro, os atletas brasileiros foram submetidos à grande exposição, atendimento aos

fãs, além de ouvirem discursos e propagandas políticas, tudo numa tentativa dos candidatos de capitalizarem a boa imagem dos craques do futebol para suas campanhas.

A Copa do Mundo de 1954 chegara e, apesar da boa preparação após ter presença assegurada por meio de eliminatórias pela primeira vez, a seleção brasileira acumulou uma nova eliminação. A Copa marcava a estreia do novo uniforme brasileiro, agora camisas amarelas, numa tentativa de esquecer o fantasma de 1950 – disputada com as camisas brancas (Negreiros, 2009, p. 307).

Na primeira fase, a goleada sobre o México e o empate com a Iugoslávia garantiram a vaga nas quartas-de-final, para enfrentar a fortíssima seleção da Hungria, que vinha de um retrospecto arrasador. O jogo não fugiu do que os húngaros vinham apresentando, e o Brasil perdeu por 4x2, em uma partida marcada por muita confusão dentro de campo. Mais uma vez o sonho de conquistar o mundo era adiado e a ferida aberta em 1950 seguia latente. Para Borges (2006):

Parecia realmente que o homem brasileiro não tinha as condições psicológicas para enfrentar situações de pressão. Sendo assim, jamais alcançaria a vitória e continuaria sofrendo com seu complexo de inferioridade, tão bem denominado por Nelson Rodrigues como “complexo de vira-latas” (p. 73-74)

Vasconcellos (2013, p. 30) corrobora com essa visão em que a Copa de 1950 teria ampliado a rejeição do brasileiro e sua autoimagem. A desconfiança pairava em qualquer âmbito, sobre qualquer habilidade. Era o complexo de vira-latas de Nelson Rodrigues.

Como em todo fracasso, os brasileiros buscavam uma justificativa ou explicação para a nova derrota. Negreiros (2009, p. 307), então, apresenta a análise do cronista Thomaz Mazzoni, para o qual, além do nítido nervosismo e a violência durante a partida, o Brasil sofrera com a atuação do árbitro, que suspeitavam ser “um simpatizante comunista, servindo à causa”. Se em 1938 éramos superados pelo fascismo italiano – em jogo também marcado por grande polêmica de arbitragem – “agora o Brasil era vítima da guerra fria”. Tais desconfianças sobre certa interferência ideológica no esporte são corroboradas por Oliveira (2009) quando diz “claro que essa independência do esporte com relação à política não existe” (p. 396).

As análises sobre a seleção brasileira nas Copas de 1938 à 1954 apontam para algo que DaMatta (2006, p. 44) sintetiza bem ao perceber que mais do que enfrentar adversários dentro de campo, jogamos contra nosso próprio imaginário e as projeções que

fazemos do outro, sempre os elevando ao patamar da superioridade, impedindo, assim, que vislumbremos a vitória como algo factível.

As Copas seguintes marcariam o momento da virada e afirmação do escrete brasileiro no plano internacional. O estilo de jogo chamado “futebol-arte” e as boas atuações, enfim, seriam coroadas com a graça máxima no futebol: o título mundial. E, assim, “cada Copa revela muito mais do que a luta pelo caneco. Ela mostra a tentativa feroz e corajosa de resgatar a nossa própria alma (DaMatta, 2006, p. 37).

3. 1958 À 1970: A CONSOLIDAÇÃO DE UM PROJETO

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício (Rodrigues, 1993, p. 60-61).

A eleição de Juscelino Kubitschek à Presidência da República em Outubro de 1955, marcava a manutenção do getulismo no governo brasileiro. Seu mandato teve como pano de fundo um otimismo e euforia ainda não experimentado no país. Com um projeto de modernismo industrializante como pilar, Paula (2011, p. 9) afirma que após a posse — já que setores do governo e militares tentaram impedir que Juscelino assumisse o cargo — o governo de JK compôs um “período de estabilidade política”, no qual Forças Armadas, partidos antagônicos e ativos setores sociais, contribuíram para que o final da década de 50 fosse visto como o auge do regime populista (Campos; Claro, 2009, p. 617).

O plano do governo apontava para o desenvolvimento econômico, sobretudo sob o lema *cinquenta anos de desenvolvimento em cinco anos de governo*. O “*nacional-desenvolvimentismo*” como ficou configurada a política econômica de Juscelino, tinha por premissas um envolvimento com os Estados Unidos, a atração de multinacionais e a diversificação da economia, visando a expansão da produção industrial. Além disso, Juscelino Kubitschek teve como sua realização máxima, a construção de uma nova capital para o país: Brasília. A cidade, projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, era a simbolização do projeto de modernidade. Todo esse investimento, baseado sobretudo no capital externo geraria consequências significativas, como altas taxas inflacionárias e o

aumento do endividamento externo. Porém, mergulhados na euforia econômica e em visíveis resultados de crescimento, disparidades sociais e possíveis crises passaram despercebidas (Campos; Claro, 2009, p. 617-618).

É nesse contexto de euforia nacional que o Brasil chega para disputar a Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Com organização, diretrizes e a montagem de uma comissão técnica, a equipe chegava bem preparada para a disputa do torneio. Com vitórias sobre a Áustria e a forte seleção da União Soviética, além de um empate com a Inglaterra, avançávamos à próxima fase. Nas quartas de final, vitória sobre País de Gales. Nas semifinais, goleada sobre a França. O Brasil estava mais uma vez em uma final, e para enfrentar uma equipe europeia, os suecos, donos da casa. Para Rodrigues (1993, p. 61-62), esse era o momento de o Brasil vencer seu sentimento de inferioridade. Seu problema não era o futebol, e sim sua autoimagem. Era preciso acreditar no potencial que aquela equipe tinha, para chegar à Suécia e vencer, deixando para trás o seu “*complexo de vira-latas*”.

Na final contra os suecos, vitória por 5x2 e, finalmente, o Brasil sagrava-se campeão do mundo. Com grande campanha, a seleção brasileira se tornava a primeira a conquistar um mundial fora de seu continente. Nesse clima de alegria e superação, DaMatta (2006) acrescenta que:

[...] acenando com a possibilidade que o jogo e a festa são instrumentos de mudança de posição social e de perspectiva. Neste sentido, o nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói. Estão aí os nossos Pelés e Romários que não me deixam mentir (p. 69).

Como diz Sousa (2014) em seu artigo, a emoção não se dava apenas pela conquista, mas também pelo contexto em que se dava. O título era conquistado sobre um europeu, marcando a superioridade técnica e tática dos sul americanos. A grande atuação de Pelé na final foi ainda mais significativa ao representar a vitória do menino negro sobre os “alvos e loiros” suecos, o que “foi motivo de orgulho de um povo, que cansado do complexo de vira-latas, viu no futebol sua redenção”. DaMatta (2006), ainda complementa de forma precisa:

O que não conseguimos ler no episódio é precisamente aquilo que levou o futebol a ser adotado por todos os países marginalizados de todo o mundo: o velho e maravilhoso drama da vitória do fraco, do pequeno, do aprendiz, do

novos, do preto e do pobre contra o forte, o grande, o mestre, o velho, o branco e o rico! (p. 107)

Para Negreiros (2009), essa equipe que incorporara definitivamente o protagonismo do negro – Didi, Garrincha e Pelé -, “guardava uma série de tarefas, como a de provar que o brasileiro não era uma ‘raça’ frágil, incapaz de enfrentar momentos decisivos. Em parte, a dor da tragédia de 1950 começava a ser dissipada” (p. 308)

Uma curiosidade interessante que o título de 1958 traz, é a prática de utilizar números independentes de suas posições. Isso ocorreu porque:

Na final, o Brasil teve de trocar de camisa. Jogou de azul, porque os suecos tinham a camisa amarela também e ganharam o sorteio do troca-não-troca. A seleção campeã, por descuido, consagrou a prática de cada jogador ter um número independentemente da posição no campo. O motivo é hilário: na lista que enviara à Fifa, a então CBD esquecera de indicar a numeração das camisas. O funcionário da Fifa que recebeu a lista pôs os números que bem entendeu. Gilmar, goleiro, era o 22; Garrincha, ponta-direita, 11; Didi, meia-armador, 6; e Pelé, reserva, era o 10. O menino de então 17 anos e alguns meses se adonou do número.

Em suma, a icônica “camisa 10” que consagrou Pelé como o maior de todos os tempos, lhe caiu por um acaso, tornando-se em dos grandes símbolos do futebol.

Agostino (2002, p. 152) levanta que a Copa do Mundo fora o grande momento de interação entre o presidente JK e a população, ainda que transcorridos 2 anos de governo. À medida que a equipe ia avançando pelo torneio e o povo inundando as ruas com comemorações, o presidente “explorava ao máximo as oportunidades apresentadas pelo evento” ao transformá-las em palanques políticos.

Em um cenário de empolgação social, a conquista do Mundial de 1958 veio a calhar no governo JK. Sobre isso, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos afirma que:

Até então, não havia nada que tornasse o Brasil celebridade internacional. Ali, o Brasil passou a ser reconhecido não pela miséria e pelo subdesenvolvimento, mas pelo talento do futebol, pela sofisticação da música, pela beleza da arquitetura. Nós nos tornamos internacionais pela primeira vez (Westin, 2014)

Borges (2006, p. 92) ressalta que após a Copa da Suécia, em 1958, o Brasil afirma sua posição destacada no cenário internacional. O futebol estava em alta, e a conquista

do título promoveu a imagem do país, que ainda via seus clubes serem convidados para jogos em território estrangeiro.

Em 1962, o contexto político-social brasileiro já não era mais de estabilidade e otimismo. Com a renúncia de Jânio Quadros no ano anterior, setores militares temiam pela posse de João Goulart, associado ao socialismo e tentaram impedir sua posse. Com a pressão popular e movimentos políticos de resistência, uma guerra civil estava anunciada caso não houvesse uma negociação. A saída veio com a adoção do parlamentarismo. O governo de Jango foi marcado por tensões políticas, com radicalização das pressões sociais, crise econômica e altíssimos índices de inflação (Campos; Claro, 2009, p. 621).

O Brasil chegara à Copa do Mundo de 1962, no Chile, como favorito. Com praticamente o mesmo elenco que conquistou o torneio em 1958, na Suécia, além de manter a estrutura de trabalho, a equipe chegava ao seu segundo título mundial, tendo em Garrincha o herói da vez. Com uma campanha de quatro vitórias – contra México, Espanha, Inglaterra e Chile – e um empate contra a Tchecoslováquia, o escrete nacional alcançava a final para mais uma partida contra os tchecos e conquistava o bicampeonato.

O título brasileiro colocava o futebol americano à frente do europeu na galeria das conquistas de Copa do Mundo – Quatro à três. Para DaMatta (2006), sinal de superação: “Pobre Terceiro Mundo que disputa muito mais do que futebol, pois sua verdadeira luta é com o seu próprio sistema de crença que reafirma sistematicamente a sua inferioridade” (p. 37).

Como dito anteriormente, o clima não era dos melhores em terras tupiniquins e mais uma vez o futebol, ainda que por alguns instantes, aplacou essa situação através do êxito brasileiro na Copa do Mundo. É o que DaMatta (2006) diz, quando assume que o esporte promove essa transformação no povo ao focar no tamanho da conquista de seu país, que “na bola, é o melhor e o mais justo” (p. 96), deixando, assim, de pensar um pouco em suas injustiças sociais.

Os impactos de mais uma boa campanha no mundial culminando com o bicampeonato, também puderam ser vistos no âmbito político. João Goulart procurou se aproximar ao máximo da seleção brasileira, numa tentativa de estabelecer um contato entre presidente e povo, num contexto diferente da política. E o futebol funcionava muito bem para isso. Jango acreditava que o futebol era uma ferramenta eficaz de legitimação

política, e propagandeava políticas públicas através dessa plataforma, como a retomada de um projeto de Jânio Quadros, que impedisse os grandes craques nacionais de se transferirem para o exterior, numa tentativa de promover um nacionalismo esportivo, típico dos anos 1960 na América Latina, reforçando a capacidade de associação entre esporte e política (Agostino. 2002. p. 153).

Essa relação esporte-política fica clara quando Agostino (2002) revela o envolvimento de outros atores tão significativos quanto o presidente, com o desempenho da seleção brasileira em terras chilenas:

À medida que a possibilidade do bicampeonato se aproximava, o futebol tornava-se uma questão crucial para o governo brasileiro. Ou melhor, para todas as forças políticas que disputavam o governo. Os três mais importantes partidos do país - PTB, PSD e UDN -, através de suas mais atuantes lideranças no momento, João Goulart (Presidente da República), Tancredo Neves (Primeiro-Ministro) e Carlos Lacerda (Governador da Guanabara), procuraram aproximar-se da seleção (Agostino. 2002. p. 153).

Um fato chama a atenção para essa aproximação do governo brasileiro com o esporte. Tancredo Neves interveio no episódio da expulsão de Garrincha, ocorrida na semifinal. A absolvição representou, para muita gente, o receio da FIFA de que um país socialista como a Tchecoslováquia conquistasse o título. Era mais uma interferência de ideologias, no esporte. Com a vitória brasileira, Jango “recebeu os jogadores e vibrou como um torcedor comum” (Agostino. 2002. p. 154).

O futebol seguiria como pauta prioritária para o governo durante algum tempo, e a próxima década representaria bem essa ideia.

Em 1964, a intervenção militar era oficializada no Brasil, sob a alegação de uma missão salvacionista, afim de organizar o país e evitar a consolidação do comunismo. O regime seria responsável por conduzir a transição democrática nos dois anos restantes de mandato do ex-presidente João Goulart. Apesar disso, o retorno à normalidade democrática passava a ser postergado. O Regime, então, vigorou de 1964 à 1985, passando por diversas fases em relação à abertura política e graus de intervenção do governo.

Foi nesse novo cenário político que se deram as Copas de 1966 e 1970, as quais tiveram impactos significativos e profundos também na noção de esporte no país e na preparação da equipe para as Copas do Mundo (Campos; Claro, 2009, p. 642-643).

O governo militar entendia os esportes como uma via de desenvolvimento e reconhecimento. Não à toa, as maiores potências econômicas e políticas da época – Estados Unidos e União Soviética – eram destaque também no mundo esportivo. Surgia daí uma premissa de fazer do Brasil uma potência, tratando o esporte como questão de Estado (Oliveira, 2009, p. 388-389).

Mais uma vez, o esporte era visto também como símbolo da mobilização, podendo ser usado para ilustrar e fomentar a unidade nacional. Segundo Oliveira (2009):

O esporte ensinaria a perder, a superar obstáculos, a reconhecer a superioridade de outrem. Nada nessa retórica é novo, mas ela se atualiza constantemente ajudando a definir uma *mentalidade esportiva*, como pretendiam os governos militares, além de fortalecer os laços da “*brasilidade*” (p. 394)

O desenvolvimento do esporte no país passava por intercâmbios de professores, técnicos e atletas para países consolidados esportivamente. Dentre esses, estavam países como Alemanha, Estados Unidos, Itália, Inglaterra, Argentina e União Soviética. Este último revela a profundidade do projeto governamental, que a despeito de seu total antagonismo ao comunismo, não privou o intercâmbio, visando o aprimoramento de suas bases técnicas e organizativas (Oliveira, 2009, p. 396-398).

A Copa do Mundo de 1966 foi realizada na Inglaterra, e apesar do entusiasmo por ser o atual bicampeão mundial, o torneio foi um fiasco para a seleção brasileira. Com uma preparação completamente desorganizada, a equipe obteve como resultados uma vitória sobre a Bulgária e derrotas para Hungria e Portugal. “Era necessário repensar o futebol brasileiro: de mestres, voltávamos a aprendizes” (Negreiros, 2009, p. 309).

Wisnik (2008, p.293-294), relata o clima de tensão entre futebol e política às vésperas de 1970. O péssimo retrospecto recente da seleção ameaçava até o interesse do público em assistir aos jogos. João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos, resolveu apostar suas fichas em um homem ativista politicamente, bom comunicador e que poderia fazer a diferença no futebol brasileiro: João Saldanha. Dentre suas ações adotou a alcunha de “*feras*” em detrimento aos chamados “*canarinhos*”, numa tentativa de estimular seus jogadores a um estilo de jogo mais forte. Apesar dos bons resultados, entrevistos ideológicos culminaram na saída de Saldanha, abrindo espaço para Zagallo, campeão como jogador e que agora teria a missão de guiar a equipe rumo à posse definitiva da Taça Jules Rimet – que seria concedida ao time que fosse tricampeão.

O resultado aquém do esperado em gramados ingleses foi a tônica para a preparação visando o Mundial de 1970, a ser disputado no México. No meio do período regido pelos militares, o projeto esportivo seguia como prioridade e para tanto, apostava-se em uma preparação física forte, ponto identificado como responsável pelo fracasso na última copa, vencida pelo futebol-força dos ingleses.

A preparação deu certo. Com um bom preparo físico e atlético, um time disciplinado e recheado de craques, o escrete nacional conquistara seis vitórias - sobre Tchecoslováquia, Inglaterra, Romênia, Peru, Uruguai e a final contra a Itália – e o festejado tricampeonato. Em tempos de ufanismo como propaganda de legitimação do Regime Militar, a conquista do mundo caía como uma luva:

Podíamos odiar a pátria comandada pelos militares e desdenhar a incompetência dos políticos que levavam o país a ser devorado pelo “dragão inflacionário”, mas não havia como ficar indiferente a essa bandeira verd’amarela quando ela se transmutava em camisa da seleção de futebol e era envergada por pessoas cuja excelência era claramente medida num campo aberto, obedecendo a normas simples, conhecidas por todos. (DaMatta, 2006, p. 111)

As vitórias produziam o sentimento esperado pelo governo. A vibração nas ruas parecia legitimar o regime, fruto do esforço de aproximação do governo com o esporte, notadamente, com a seleção. A modernidade impulsionava os projetos do regime. Era a primeira Copa a ser transmitida ao vivo no país, pela televisão, e claro, o presidente Médici não deixava de aparecer com recursos que o associassem ao futebol. A estratégia era clara, vincular a identificação do povo com o futebol ao governo, e para tanto: “Consumada a vitória, o governo explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a ‘unidade na diversidade’” (Agostino, 2002, p. 161-162). Elementos para esse paralelo não faltavam, a associação do sucesso esportivo ao “*Milagre Econômico*” era imediata.

Para Vasconcellos (2013, p. 32), o Brasil fora reinventado com o tricampeonato em 1970. Após a sensação de terra arrasada promovida pela fatídica derrota em 1950, o título no México produzia uma nova percepção das qualidades do país, que agora sobrepunham a inveja e o ódio. Sua autoimagem passava a ser admirável, superior até que o desenvolvimento. DaMatta (2006, p. 111) ainda completa essa perspectiva dizendo que “[...] o futebol já exorcizava a nossa autoflagelação, transformando-a numa deslavada e

necessária admiração por nós mesmos. Esse amor que grita ‘goool’ e nos obriga a enxergar o quanto valem a pena”.

Para Nelson Rodrigues, a conquista do tricampeonato servia como afirmação internacional: “mais uma vitória do futebol, do homem e da nação brasileira. A seleção propiciava a união nacional, as manifestações populares após as vitórias serviam para estimular a construção e solidificação da nação brasileira” (Borges, 2006, p. 100). Era um dos objetivos do Regime Militar sendo alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Em todo o grupo de nações que escapam e destoam do padrão de desenvolvimento modelado pelo Ocidente, tem sido o futebol o promotor dessa notável aproximação entre os símbolos da sociedade (e da cultura) e os do Estado nacional” (DaMatta, 2006, p. 111), afinal “foi o futebol que juntou hino e povo, que consorciou camisa e bandeira, que popularizou a ideia de pátria e de nação como algo ao alcance do homem comum e não apenas do “doutor” e do mandão” (DaMatta, 2006, p. 111)

A percepção do futebol como mobilizador das massas impulsionou diversos momentos da política brasileira. Desde a década de 30, quando Getúlio Vargas se surpreendeu ao ver a comoção nacional quando da primeira participação destacada da seleção brasileira na Copa do Mundo, passando pela devastadora derrota em casa, em 1950, que reforçou os traços do “complexo de vira-latas” tão bem cunhado por Nelson Rodrigues, até chegar ao ápice internacional em 1970, quando a seleção brasileira tornara-se a primeira tricampeã do mundo, com o governo militar cooptando os frutos da glória esportiva como legitimação do regime, o futebol foi tratado com especial interesse pelos setores políticos.

Guedes (2009) entende que, no Brasil, o campo de futebol se tornou cenário para inflexões a respeito do povo brasileiro. Para ela, o país foi reificado no campo de jogo, com a seleção cumprindo a função de “metonímia do ‘povo brasileiro’” (p.461). Ainda segundo Guedes, essa fusão se revela nas dimensões que a Copa do Mundo de Futebol tomou por aqui, na qual, a cada quatro anos a seleção brasileira encarna o “Estado-nação brasileiro” e vê o sentimento de pertencimento comum ser “vigorosamente praticado, reinventado, renovado, recriado” (p. 462).

Vasconcellos (2013), segue essa mesma linha e afirma que:

As vitórias nas copas do mundo fizeram o brasileiro ter orgulho de si mesmo. O Brasil ansiava pelas Copas como se elas fossem necessárias para reavivar e inflamar de novo o amor pelo Brasil, afinal de contas, a associação clara e direta entre a seleção brasileira de futebol e o povo brasileiro encontrou, nas Copas do mundo, seu momento de maior sentido (p. 32)

Vale notar a grande contribuição de DaMatta (2006), na qual, a identificação do povo brasileiro com o futebol, não faz dele um alienado. Antes, essa identificação alimenta

que, tal qual no futebol as dificuldades e o complexo de inferioridade puderam ser superadas, que assim também, o país se sobressaia para superar suas mazelas sociais.

Guedes (2009) ainda ressalta que ao traçar um paralelo entre os demais esportes e o futebol, no caso deste último:

As derrotas, pelo menos a partir da “mãe de todas as derrotas” que é a da Copa do Mundo de 1950, ocorrida no Brasil, são extremamente significativas, exigindo incansáveis explicações e naturalizando interpretações que, muitas e muitas vezes, ultrapassam, em muito, o campo do futebol. (p. 465)

Isso se deve, segundo DaMatta (2006, p. 116), à auto representação do brasileiro, crítica, sempre marcada pela ausência de autoestima e de perfil flagelador, culminando em uma auto rejeição. É nesse contexto que a Copa cumpre um papel de teste, onde colocamos sempre à prova uma “iniludível, indiscutível e invejável excelência mundial” que conquistamos, ao menos dentro de campo, confirmando que “No país do futebol, a Copa é a vida; o campo de futebol, o mundo; e o nosso escrete, como dizia Nelson Rodrigues, uma clara extensão projetiva de nós mesmos – de nossos defeitos e qualidades (DaMatta, 2006, p. 70).

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- AGUIAR, Flávio. **1958: A grande Copa**. n. 25, Junho, 2008. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/25/1958-a-grande-copa>>
- BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/7583>
- CAMPOS, Flavio de; CLARO, Regina. **A escrita da História: volume único: ensino médio**. 2 ed. São Paulo: Escala Educacional, 2009.
- **Copa do Mundo de Futebol**. Disponível em: <<http://travinha.com.br/category/historia-dos-esportes/eventos-desportivos/copa-do-mundo-de-futebol/>>
- COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945)**. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. dos. *Memória social dos esportes: futebol e política (a construção de uma identidade nacional)*. Rio de Janeiro. Mauad, Faperj, 2006.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DEL PRIORE, M; MELO, Victor Andrade de. (orgs). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- DRUMOND, M. **O esporte como política de Estado: Vargas**. In: DEL PRIORE, M; MELO, Victor Andrade de. (orgs). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- GUEDES, S. L. **Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil**. In: DEL PRIORE, M; MELO, Victor Andrade de. (orgs). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- MOREIRA, Regina da Luz. **O Brasil de JK > Esportes**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Esportes> >
- NEGREIROS, Plínio Labriola. **O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo**. In: DEL PRIORE, M; MELO, Victor Andrade

- de. (orgs). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985)**. In: DEL PRIORE, M; MELO, Victor Andrade de. (orgs). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
 - PAULA, Heloisa Galvão de. **Presidencialismo ou Parlamentarismo? O discurso no Correio Braziliense e no Jornal do Brasil sobre o referendo de 1963**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro Universitário Projeção.
 - RODRIGUES, Nelson, 1912-1980. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol / Nelson Rodrigues; seleção e notas Ruy Castro**. — São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
 - RODRIGUES, Nelson. **Complexo de vira-latas**. Revista *Iátrico*, n. 34, 2014.
 - SILVA, F. C. T. **Futebol: Uma paixão coletiva**. In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. dos. *Memória social dos esportes: futebol e política (a construção de uma identidade nacional)*. Rio de Janeiro. Mauad, Faperj, 2006.
 - SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. dos. **Memória social dos esportes: futebol e política (a construção de uma identidade nacional)**. Rio de Janeiro. Mauad, Faperj, 2006.
 - SOUSA, Paulo Eduardo Nunes de. **A importância da Copa do Mundo de 1958 para o brasileiro**. 2014. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquivancada/a-importancia-da-copa-do-mundo-de-1958-para-o-brasileiro/>>
 - VASCONCELLOS, Amanda Ferrari. **Futebol e identidade nacional: o ressentimento que fez de um esporte uma nação**. 2013. 40 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência Política)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/7158>
 - WESTIN, Ricardo. **Jornalista descreve 1958 como ‘ano que tudo deu certo’**. 2014. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/07/03/jornalista-descreve-1958-como-ano-em-que-tudo-deu-certo>>

- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil** / José Miguel Wisnik. —São Paulo: Companhia das Letras, 2008.